

O “LADO FEIO” DA BELLE ÉPOQUE: as representações midiáticas de crimes e suas consequências sociais na França do início do século XX

Resenha: KALIFA, Dominique. **A tinta e o sangue.** Narrativas sobre crimes na Belle Époque. São Paulo: Unesp, 2019.

Julio Marinho Ferreira¹
UFPel: <https://orcid.org/0000-0003-0706-3517>

DOI: [10.21680/1982-1662.2022v5n34ID29182](https://doi.org/10.21680/1982-1662.2022v5n34ID29182)

O historiador francês Dominique Kalifa, um especialista em crimes e suas representações na sociedade francesa dos séculos XIX e XX, apresenta nesta instigante obra “A tinta e o sangue” um recorte crítico sobre o papel da mídia impressa parisiense do início do século passado para a divulgação dos chamados *fait divers* ou “fatos diversos”. Esses “fatos” para aquela forma de mídia impressa, ou seja, jornais, revistas e novelas, eram os crimes e as suas representações, às quais, a informação veiculada (o relato em si) era constantemente exposta em “cores sanguíneas”. Entretanto, pode-se pensar que naquele contexto analisado por Kalifa, a ideia de uma “verdade” seria como uma ferramenta moldável e, ao mesmo tempo, “pintada” para acentuar ainda mais a violência. Em suma, criando uma quase palpável atmosfera de medo e de terror visando um público consumidor cada vez mais ávido por entretenimento.

Nesse pungente trabalho sobre os papéis da informação na sociedade de mais de um século atrás (fruto de sua tese de doutorado), Kalifa buscou transformar nossa

¹ E-mail: juliomarferre@hotmail.com
Doutorando em Sociologia pela UFPel.

visão sobre um período histórico com um estudo social do crime e de suas implicações na mídia de massa, assim, quase nos colocando dentro do contexto - fruto de sua descrição densa e também rica em detalhes ilustrativos. E no seu objeto analítico, a mídia impressa de um período que muitas vezes parece ser delegado como um apogeu cultural - *A Belle Époque* - se nota um profundo mergulho temporal sobre os motivos por trás de certa apelação midiática em torno de temas delicados e polêmicos, como os variados tipos de crimes, principalmente os assassinatos.

Na figura de Dominique Kalifa, temos um catedrático de uma importante universidade parisiense (onde dirige um centro de estudos sobre o século XIX), sendo também um professor visitante em inúmeras universidades ao redor do mundo, além de um prestigiado currículo com uma ampla gama de estudos históricos sobre crimes e o seu imaginário no social. Seu prestígio se mostra no profundo conhecimento de história, de sociologia e de outras disciplinas de conhecimento científico, como fica atestado na referida obra aqui resenhada.

Para atestar o seu conhecimento multidisciplinar, Kalifa procura na história por trás das cortinas da Belle Époque, período de tempo situado entre os anos de 1871 (fim da guerra franco-prussiana) e 1914 (início da Primeira Guerra), um bom guia para aprofundar e sentir os impactos de uma nascente mídia de massa e de suas formas de produzir representações, em seus mais variados sentidos. Assim, a obra “A tinta e o sangue” se divide em três partes: *A fábrica do crime, o imaginário do crime e leituras do crime*, onde são apresentados um recorte temporal (virada do século XIX para o XX) que são condensadas ao seu objeto de pesquisa (os relatos de crime na mídia impressa) que tanto historicamente, como sociologicamente, apontam para questões pouco exploradas e debatidas até hoje - a criação de um ideário de medo e de terror a partir de boatos.

Dessa forma, ao situar grande parte deste estudo no período anterior à Primeira Guerra Mundial (1914-18), Kalifa indica ou visa apontar uma espécie de direcionamento violento em uma sociedade marcada pela desigualdade, onde certas teorias políticas e sociais, dentre elas, o socialismo e o anarquismo, marcam presença a todo o momento, acabando por ser colocadas na mídia como “incubadoras” para os delinquentes e também os criminosos de todos os tipos. Nisso, uma política de combate a esses mesmos tipos degenerados precisariam ser criados pelos governantes em benefício dos cidadãos de bem, agindo como promoção de caráter político e

ideológico.

Na primeira parte, Kalifa apresenta questões acerca dos usos dos relatos criminológicos - os chamados *faits divers* - uma forma jornalística comum na virada do século XIX para o XX, que necessitavam de uma aparência ou de tipos representativos, com isso, se tornando potenciais vetores para ganhar popularidade - ou seja, vender jornais. Surgem em uma escala sem precedentes inúmeros jornalistas e também jornais preocupados em criar uma atmosfera de constante “consumo” de crimes, de onde emergem figuras delinquentes demonstradas como os potenciais agentes desse terror urbano, os *apaches* - um termo preconceituoso que fazia referência a ideia de “selvageria e brutalidade” que provinha de estereótipos racistas acerca de certos povos nativos norte-americanos, no caso, os apaches do Novo Continente. Esses apaches (franceses) eram jovens excluídos, sendo tanto pessoas pobres como fugitivos de escolas e casas de correção, que precisariam de alguma forma de sustento para poder sobreviver em Paris (e em outras grandes cidades francesas). Acabando, assim, por achar nos crimes formas de “ocupações rentáveis”.

Esses crimes, então supostamente cometidos pelos apaches, foram paulatinamente crescendo de importância naqueles periódicos, passando de pequenas menções às sessões inteiras - criando todo um ideário de pavor social em letras garrafais nas primeiras páginas. Dessa forma, esse “lado feio da Belle Époque” se delineia e os jovens delinquentes acabam sendo os promotores de toda essa feiura criminosa que deveria ser combatida e extirpada. Como resultado, a “fascinação” pelo crime começa a fazer os jornais venderem muito, nisso “a crônica criminal [...], transforma a imprensa popular numa gigantesca fábrica de crimes e consegue imprimir sua marca na maioria dos jornais franceses, inclusive nos bastiões mais tradicionais do jornalismo à moda antiga” (KALIFA, 2019, p. 43).

O importante “caso Dreyfus” que no período que se estendeu de 1894 a 1906, trouxe uma nova perspectiva para imprensa jornalística, já que os boatos criminosos acerca do suposto ato de traição do capitão Alfred Dreyfus, a sua acusação de vender informações aos alemães - inimigos da França - e o antissemitismo presente naquele episódio fizeram com que as vendas de periódicos crescessem. E no início do século XX, com o direcionamento gradual dos jornais para a cobertura dos crimes e de fatos sensacionalistas, surgem também “os romances ‘criminais’ que passam a ocupar um lugar de destaque e seu crescimento é concomitante com o dos *fait divers* criminais”

(p. 52).

Os apaches, as figuras a todo momento evocadas na obra de Kalifa, que representam por si só os crimes e as suas práticas em todas as formas impressas dos *fait divers* daquele período, somado a isso, esses indivíduos tidos como os delinquentes a ser combatidos por uma polícia e toda uma gama de investigadores amadores - que as vezes fazem o papel de jornalistas e de escritores - são a todo instante acusados como artífices do crime e das inúmeras atrocidades cometidas, como assassinatos brutais, canibalismo, estupros, invasão de propriedades e proxenetismo. E no contexto urbano de uma sociedade do início do século XX, onde a delinquência parece ter um rosto e um tipo específico de indivíduo, achar certos tipos “culpados” tornam esses “fatos diversos” ainda mais consumíveis.

Em “O imaginário do crime”, segunda parte da obra, Kalifa destrincha os tipos de jornais daquela época, assim, trazendo novas perspectivas acerca do papel do crime e de como as novas formas de atenção de um público consumidor precisaria crescer a todo instante para a manutenção de um imaginário criminoso a ser (supostamente) combatido. Os jornais, que cresciam e vendiam muito bem, além da concorrência dos romances policiais e do cinema (em seus primeiros passos), ajudavam a ampliar esse poderio imagético do crime como uma prática social de indivíduos delinquentes e desviantes.

E tanto os romances policiais ou criminais, como também eram chamados, como os filmes que também estavam se tornando populares, ambos, explorando as representações dos crimes, principalmente a sempre redundante figura dos jovens apaches com suas façanhas criminosas mostradas como cada vez mais ousadas. Nesse sentido, a noção de um ser humano vivendo à margem da sociedade que precisava ser “combatido” como uma praga social, ou seja, um desviante de uma época de florescimento cultural estava presente em todas as formas de entretenimento daquele período, na França e principalmente em Paris (a capital cultural do mundo), que pareciam demandar por narrativas de crime.

E para suprir a demanda por relatos criminosos cada vez mais chocantes, a figura do jornalista acabou se transformando em detetive e com ele novas formas narrativas emergiram - além do já muito citado apache - aparecem novos delinquentes muito bem estereotipados: *o policial-bandido*, *o militar-bandido* e *as envenenadoras de maridos*. Todos esses agindo às sombras das noites francesas. Esses tipos de

jornalistas-detetives precisam, a partir dessas novas representações e estereótipos, criar novas formas narrativas. Nesse sentido, a importância da entrevista, de colher dados presencias da cena do crime com os acusados se transforma em um elemento central para uma fidelidade nos relatos.

Ademais, todas essas formas de entrar em contato direto com os crimes, com o sangue presente nas cenas - muitas vezes fabricadas - e com os seus perpetuadores serviria apenas para poder vender ainda mais jornais e periódicos, como Kalifa (2019) percebeu: “Agora a investigação é o principal objeto do relato, e nela o repórter é simultaneamente autor e ator” (p. 114). Em suma, os relatos precisam ser cada vez mais verdadeiros, já que a concorrência é cada vez mais feroz e novos palcos precisam ser achados pelos bastiões do jornalismo investigativo, e quase heroico, por toda a França.

Nos lugares e nos ambientes do crime, seja a tradicional cidade de Paris, a moderna metrópole palco de todos os delinquentes clássicos da época ou até mesmo no campo - elemento narrativo pouco conhecido nos contextos urbanos - nas quais novas figuras a serem apontadas como criminosos pululam, dentre os quais os ciganos, os andarilhos e mais variados tipos de vagabundos. E eles começam a ser acusados de todos os tipos de crimes, de roubos noturnos aos assaltos, estupros, assassinatos, etc., já que os apaches parecem tornados elementos corriqueiros e já não criavam mais “novidades criminais” aos periódicos e jornais. O corpo e a propriedade privada, dois aspectos que devem ser protegidos de todos esses tipos de malfeitores são novos motivadores de uma manutenção de terror social - já que “o crime, o verdadeiro, o único, é em primeiro lugar o ataque intolerável ao corpo e à intimidade pessoal” (p. 193).

E os supostos (novos) delinquentes usam todos os tipos de armas para violar e criar pânico noturno (facas rudimentares, porretes, facões, machados, punhais etc.), isso fez com que uma campanha por posse de armas e por “cidadãos de bem” surja de uma maneira mais ostensiva nos periódicos. Outro importante aspecto também deve ser percebido naquele contexto: “o heroísmo delinquente” (p. 271). Em oposição aos vícios de uma juventude perdida que precisa ser caçada, alguns elementos de uma crítica social começam a ser percebidos em certos atos políticos perpetuados por operários insatisfeitos cientes de sua condição de entes explorados que agiriam de forma violenta. Nisso, novamente o socialismo e o anarquismo, muito em voga na

França daquele período, poderiam se tornar os novos culpados mais imediatos. O que, naturalmente, foi explorado pela imprensa como outra maneira de alarmar a população francesa com seus “cidadãos de bem”.

Na terceira e derradeira parte da obra, ou seja, em “Leituras do crime”, Kalifa busca aprofundar os relatos criminais e como as encenações (representadas através de gravuras executadas por ótimos artistas) colocadas diariamente nos jornais acentuam uma obsessão pelo “sangue” por parte dos leitores. Os repórteres e os policiais (um antagonismo latente) entram ainda mais em cena, assim, cada qual acaba querendo levar os créditos pelo combate aos crimes e aos criminosos, somado às formas sagazes de captura dos delinquentes que são minuciosamente transcritas aos leitores como forma de manter reputação e autenticidade. Contudo, os estereótipos expostos e combatidos, novamente eles, ou seja, andarilhos, ciganos, nômades, jovens delinquentes - apaches - e as “sempre culpadas” prostitutas - mostram que a *época bela* aos olhos da realidade social não seria tão bonita assim, já que muitos malfeitores acabam sempre escapando dos vigilantes.

Dessa forma, na disputa por território e por atenção de um público (protagonizada pelos mesmos repórteres e policiais) que davam o tom dos relatos criminais (além dos expostos em periódicos), também apareciam em romances e folhetins, onde a linha tênue entre o herói e o bandido é mais um produto demandado e deixando transparecer o véu entre verdades e mentiras. Ademais, a busca por relatos cada vez mais fiéis nos *fait divers* e “de criar o fantástico a partir do comum” (p. 341), colocou no cinema em seus passos iniciais, uma outra novidade acerca das representações do crime, já que na grande tela o delinquente tinha um rosto e papéis definidos e representados, indo além das simples tintas dos periódicos. “No entanto, multiplicar relatos, mesmo os mais sanguinários, não significa motivar representações de insegurança. Mais do que número, o que importa são as formas e as palavras” (p. 390).

Todavia Kalifa pontua que: “em torno do crime estabelece-se uma retórica triunfante” (p. 391), onde a relação entre as representações dos criminosos expressas nos relatos sejam em jornais e romances policiais e até no cinema do início do século XX agem como ferramentas para uma “retroalimentação” entre uma população (campo e cidade) que temeria os crimes, ao mesmo tempo, que os demandariam cada vez mais - como uma nova forma de entretenimento - onde muitos dos delinquentes

acabam tidos como heróis de uma sociedade desigual. Com isso, “essa enorme produção de narrativas não deriva de um “rito social” preocupado em consolidar identidades e consciência coletiva” (p. 433), mas sim, de uma população cada vez mais consumidora de relatos, não importando se reais ou falsos.

O elemento literário usado em sua forma mais cativante naquele período, com uma “adição de muito sangue” e com o auxílio da *tinta* dos jornais, das revistas e dos romances policiais, além do cinema que em seus primeiros passos, são para Kalifa: os *relatos de crimes*. Dessa forma, a literatura de crimes e o jornalismo imbricados em uma lógica consumista e amparadas por um público ávido, somado aos agentes políticos e repressivos daquela época, que longe de combater os crimes alimentavam-nos, agindo, assim, como um catalizador de medos e de todo tipo de preconceitos sociais. Onde uma “máquina precisava girar”, ou seja, a morte e as notícias relativas aos crimes, sendo elas reais ou falsas, acabariam como combustíveis de uma época efervescente de novidades técnicas.

Doravante, apesar de ter sido escrito nos anos 1990 e lançado recentemente no Brasil (em 2019), o estudo histórico de Kalifa serve, além de um fac-símile de um período visto como um marco cultural europeu - a Belle Époque, que podendo ser entendida como uma analogia ao presente século XXI, onde os crimes e o jornalismo parcial ainda são formas de atrair público. Com isso, certos aspectos demonstram que criar pânico e caos com publicações não seria algo novo, e nesse sentido, os usos políticos e ideológicos das notícias, poderia, ao mesmo tempo, promover terror, medo e também consumo acrítico independente do contexto. E ao recorrer aos preconceitos contra certas minorias e também apresentando um cenário social regado a muito *sangue e tinta* - relatados por Kalifa como formas de expressão de uma sociedade imersa em dilemas sociais e econômicos à beira da Primeira Guerra e que poderia ressoar até os dias de hoje.

Em suma, os crimes e as suas representações midiáticas, sejam elas assassinatos, raptos, estupros, assaltos, roubos, invasão de propriedades etc., foram artifícios explorados ao máximo pelos periódicos franceses daquela época. E novamente, podemos fazer uma analogia (possível) ao presente momento social em que nos encontramos, no qual, uma busca das origens para as notícias falsas que assolam as mídias sociais, acaba sendo uma importante chave para o entendimento do universo social, independentemente do tempo. E como foi bem notado por Kalifa: os

usos da mídia como ferramenta de consumo de massa tendo nos crimes o seu produto final, é uma prática rentável. Enfim, sejam como na mídia tradicional do início do século XX ou na forma midiática mais contemporânea, onde o digital de mídias e redes sociais ditam novas regras interativas - dessa mesma maneira ao formar (e informar) leitores e a sua potência em criar representações que são capazes de comoções sociais e influenciar até mesmo democracias através da veiculação de notícias falsas e conteúdo de desinformação.

Recebido: 16 Jun 2022
Aceito: 15 Ago 2022